

O LOCAL E O UNIVERSAL: DONA GUIDINHA DO POÇO E MADAME BOVARY E A PERSPECTIVA FORMATIVA DA LITERATURA BRASILEIRA

Luís Augusto Fischer²⁸

Jackson Raymundo²⁹

Resumo

Nos estudos literários, são complexas e às vezes mistificadoras as relações estabelecidas a partir de oposições como *local* e *universal*, *periferia* e *centro*, *regional* e *nacional*. Em geral, tais diferenças são demarcadas a partir das correlações políticas e econômicas. Neste artigo, estão em contraste duas obras bastante distintas em notoriedade literária: *Dona Guidinha do Poço*, do brasileiro Manuel de Oliveira Paiva, e *Madame Bovary*, do francês Gustave Flaubert. Numa perspectiva *formativa*, recorreu-se a trabalhos que questionam a centralidade do desenvolvimento do Brasil no litoral, valorizando o lugar do sertão na História e na Literatura. As semelhanças e diferenças entre os romances tiveram em seu escopo teórico a concepção de *limiares críticos*.

Palavras-chave

Literatura Brasileira. Literatura Comparada. *Dona Guidinha do Poço*. *Madame Bovary*. Sertão.

Abstract

In literary studies, the relationships established from oppositions as *local* and *universal*, *peripheral* and *central*, *regional* and *national* are complex. In general, such differences are demarcated from the political and economic correlations. In this paper, in contrast are two very different novels in literary fame: *Dona Guidinha do Poço*, by Manuel de Oliveira Paiva, and *Madame Bovary*, by Gustave Flaubert. Within the *formative* perspective, we question the centrality of development on the coast of Brazil, valuing the place of *sertão* (hinterland) in the History and in the literature. The similarities and differences between the novels had in its theoretical scope the concept of *critical thresholds*.

Keywords

Brazilian literature. Comparative literature. *Dona Guidinha do Poço*. *Madame Bovary*. Sertão.

²⁸Doutor, Professor Associado da UFRGS.

²⁹Mestre em Letras pela UFRGS.

Introdução

Dois romances protagonizados por mulheres – e que levam os seus nomes já no título. Dois romances em que a prática do adultério por personagens femininas está no cerne da intriga principal. Um deles, um clássico da literatura *universal*; outro, um livro tardiamente descoberto e reconhecido, incluído naquilo que se convencionou chamar de *romance regionalista*. Um se passa no interior da França, país referencial da cultura ocidental. O outro, no sertão do Brasil, país de dimensões continentais – e de problemas sociais proporcionais ao seu tamanho.

À primeira vista, *Dona Guidinha do Poço*, romance do cearense Manuel de Oliveira Paiva (escrito em 1892, publicado apenas em 1952, após a morte do autor), e *Madame Bovary*, do normando Gustave Flaubert (1857), guardam um abismo literário entre si. No entanto, é possível perceber semelhanças e, a partir disso, também melhor identificar as diferenças e especificidades.

Ao se falar de *centro* e *periferia* na literatura brasileira, ou de *universal* e *local* – ou, ainda, de *nacional* e *regional* – ganha relevância o debate sobre a *formação*. Neste diálogo formativo há pelo menos dois argumentos: o primeiro vê um centro propulsor da literatura brasileira, sediado no eixo Rio de Janeiro/São Paulo (com o possível acréscimo da Bahia, primeira sede da administração do território), tendo nas manifestações de outros estados a expressão de *regionalismos*; o segundo acredita que há processos descentrados em que a criação literária ocorreu de forma independente das sedes do poder político e econômico, tematizando a sua própria cultura e ajudando o Brasil a construir uma cara mais plural e diversa. Há aqui uma tensão entre o que podemos chamar, simplificada, litoral e sertão. No primeiro argumento, está expressa a visão de mundo – centralista e dominante – do Brasil litorâneo. No segundo, é o Brasil do interior, sertanejo – periférico e nunca hegemônico.

Na análise comparativa entre aqueles dois romances, verificam-se semelhanças e diferenças, mas também possíveis interferências da obra e do estilo de Flaubert no trabalho de Oliveira Paiva. Dentre os principais elementos que trazem confluências, estão a já citada temática do adultério; o fato de ambas as narrativas se passarem no interior de seu país, no espaço rural; o já citado protagonismo da mulher, num contexto (primeira metade do século XIX) em que as relações de gênero eram

muito mais desiguais do que viriam a ser. Além disso, interessa observar a relação de Emma Bovary com seus amantes e de Guidinha com Secundino, assim como a confiança depositada pelos maridos Charles Bovary e Major Quim em suas mulheres. Por outro lado, várias são as divergências e especificidades, que serão devidamente apontadas na análise comparativa entre os romances.

Por fim, situaremos a importância de obras como *Dona Guidinha do Poço* para a *formação* da literatura brasileira. Junto disso, analisaremos como, a despeito de algumas insuficiências, o romance de Oliveira Paiva traz inovações linguísticas, estéticas e temáticas, ajudando a construir e consolidar uma tradição e um *sistema literário* no país.

Litoral e sertão / centro e periferia / local e universal

Nos estudos sobre a formação econômica e social do Brasil, sempre prevaleceu a ideia de que o país se construiu e desenvolveu pelo litoral. Ao interior, genericamente chamado de *sertão*, restava um papel subalterno, quase que de *colônia* da *capital* invariavelmente localizada na faixa litorânea; a ela servindo, a ela socialmente se dirigindo e dela dependendo a sua organização econômica. No entanto, autores recentes questionam esse olhar e revalorizam a importância do Brasil interiorano – ou sertanejo – na história do país.

Ao falar dos últimos anos do Brasil colonial, Jorge Caldeira apresenta argumentos e dados em que defende que a expansão econômica do país se dava menos pelas exportações, e mais pelo mercado interno da colônia. O Rio Grande do Sul, por exemplo, tinha em sua base produtiva a pecuária, além de um forte sistema de transporte, através das tropas de burros, bois e cavalos. Na agricultura, o destaque era a produção de charque. Os estados de Santa Catarina e Paraná também teriam no circuito tropeiro uma de suas principais atividades econômicas. Esse modal de transporte seguiria relevante pelo interior de São Paulo e o oeste brasileiro.

O autor afirma que, na virada para o século XIX, a maioria da população brasileira não era de escravos, mas sim de “homens livres” (incluindo indígenas, caboclos e ex-escravos que compraram ou ganharam a alforria). Assim, “havia uma expansão cujo centro dinâmico era um contingente majoritário de homens livres que não possuíam escravos, somado a um contingente menor de pequenos proprietários de

escravos” (CALDEIRA, 2009, p. 16). Na perspectiva de Caldeira, é central nesse processo a figura do “empreendedor” para a compreensão da formação do Brasil. O “empreendedorismo” teria tido como fontes iniciais os tupis e guaranis que “se transformaram em produtores livres coloniais”, além de “metropolitanos imigrados que ganharam a mesma identidade”. Junto disso viria uma majoritária população miscigenada, que Caldeira (2009, p. 19) vê como uma peculiaridade nacional: “a mescla brasileira de raças formava a maioria da população livre – uma característica apenas brasileira, ainda que houvesse escravidão em todas as Américas”.

O modelo consagrado quando se trata da formação econômica e social do Brasil, alicerçado nos conceitos de escravismo, latifúndio e exportação, não pareceria suficiente para dar conta da realidade do país - e em particular do “mundo do sertão”.

Às vésperas da Independência, 86% do PIB brasileiro era oriundo do mercado interno e apenas 14% de exportação, segundo J. Caldeira. Os três conceitos citados se referem, então, ao Brasil litorâneo, onde se iniciou a ocupação dos colonizadores e lugar que sempre concentrou o poder político e a maior parte das instituições públicas (como as universidades, no futuro).

Assim como na economia um “mundo” à parte se desenvolveu no interior do Brasil, por iniciativa dos *empreendedores*/trabalhadores do próprio interior, sem grande participação do poder político, o mesmo pode se pensar em relação à literatura. Esta outra dimensão é trabalhada por Luís Augusto Fischer, que parte da obra de Antonio Candido, especialmente *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos - 1750-1880*, para apontar novos elementos para uma descrição da formação da literatura brasileira. Candido, em seu trabalho acurado, teria falado do Brasil sob o olhar do país litorâneo, sintetizado pela então capital Rio de Janeiro, não dando conta da dimensão interiorana.

O mundo do sertão tardaria mais a consolidar uma literatura própria; conforme Fischer, até os anos 1950 o sertão não produzira uma literatura “suficientemente sólida”. Quando se fala do universo sertanejo, deve-se considerar o enorme analfabetismo a que seu povo foi submetido por séculos, mas também (ou talvez por isso) lembrar da importância de sua tradição oral. Esta foi a única forma que aquela população teve de repassar de geração para geração as suas histórias familiares e comunitárias, suas lendas e crenças, sua poesia e sua canção etc.

Diversas experiências retrataram o sertão, sobretudo a partir das primeiras décadas do século XX. No entanto, poucas falaram a partir do espaço sertão, dentro do ambiente sertanejo (geralmente eram escritores radicados no Rio de Janeiro, São Paulo ou Minas Gerais tematizando aquele lugar). L. A. Fischer aponta uma “linhagem muito significativa de narrativas”. No entanto, essa literatura seria desprestigiada pelo centro, recebendo vulgarmente o rótulo de “regionalismo”,

[...] linhagem que a visão modernista, urbanófila, desprestigia, negligencia ou simplesmente renega, linhagem que demonstra o parentesco de todo o mal chamado “regionalismo” (o bom e o ruim, que em descrições históricas não se devem excluir enquanto elementos do processo de formação), literatura que, para acrescentar outro elemento, guarda ligações importantes com a tradição narrativa oral [...] (FISCHER, 2011, p. 67).

Buscando enxergar a linhagem literária do sertão, Fischer critica a visão formativa modernista, por seu caráter pretensamente unitário.

Quer dizer: para enxergar essa linhagem, para ver seus lineamentos e suas ligações com o mundo do sertão de Caldeira, é absolutamente central por em tela de juízo ao Modernismo, que se apresenta como processo unificado, unitário, mesmo a respeito de obras de que devem sua força a bem outros elementos, outros processos, outra formação histórica; ao Modernismo, que se compreende como a culminação de tudo e a prefiguração de tudo, e com isso obscurece várias facetas, vários processos [...] (FISCHER, 2011, p. 67-68).

L. A. Fischer coloca Manuel de Oliveira Paiva na mesma linhagem de escritores que se arriscaram a falar do sertão (ou interior do país), como o setecentista Basílio da Gama e outros como Bernardo Guimarães, Afonso Arinos, Monteiro Lobato, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. Todos têm, em suas obras, alguns traços mais ou menos comuns: a descrição minuciosa do espaço, com as formas da natureza tendo importância nesse detalhamento; os elementos da tradição oral não como acessórios, mas parte essencial da narrativa, fazendo com que mitos e lendas apareçam com recorrência e inseridos na vida dos personagens; a tentativa de se reproduzir no texto escrito aspectos de linguagem próximos ao falar do sertanejo.

Mesmo com a força econômica do Brasil vindo sobretudo do interior, e não do litoral, aquilo que não fosse originado do centro do país dificilmente tinha registro na história da literatura brasileira e o interesse da crítica literária. *Dona Guidinha do Poço*, por exemplo, só foi publicado em 1952, sessenta anos após a morte de seu autor (os originais foram descobertos em 1945 pela crítica Lúcia Miguel Pereira, responsável pela publicação e a valorização do romance). Escritores como Manuel de Oliveira Paiva, de

militância intelectual ativa e de produção literária profícua, mas fora do eixo Rio-Minas-São Paulo, eram relegados ao esquecimento ou, no máximo, ao estudo a partir dos limites da pecha de “regionalista”.

O cearense Manuel de Oliveira Paiva, tardiamente descoberto e postumamente reconhecido, tinha a noção do lugar de onde falava, o sertão. Em 17 de agosto de 1889 (três meses antes da Proclamação da República, portanto), Oliveira Paiva (1995, p. 7) se posicionava contra o “desprezo” que o “monopólio do beira-mar” impunha ao resto do país: “O que há de bom (no país), antes não o houvesse, é de casca, é o monopólio do beira-mar, com o mais alarmante desprezo pelo verdadeiro Brasil, que é o território central”.

Rolando Morel Pinto, na apresentação da edição de 1995 de *Dona Guidinha do Poço*, afirma que nas crônicas de Oliveira Paiva eram correntes os temas ligados à vida sertaneja e à seca. Oliveira Paiva criticava os “desacertos das políticas governamentais” e dava destaque ao “desnível entre o sertão e o litoral, responsável pela existência de um mundo pouco conhecido das autoridades que o governavam” (idem). O sertão narrado pelo escritor cearense, conforme Pinto, é aquele que ele “estudara e sentira”, e “com o qual se identificara e do qual captara, com intuição e muita simpatia, uma imagem que superou o simplesmente pitoresco”.

No sertão de Oliveira Paiva, há a humanização transformada em verbo e qualidades que são universais intrínsecas à (boa) literatura. De sua *localidade*, é possível estabelecer correlações com a “universalidade”. Do local (ou “regional”) *Dona Guidinha do Poço*, penso que é possível estabelecer uma análise comparativa com o universal *Madame Bovary*.

O Poço da Moita, de Oliveira Paiva, não é a Yonville de Flaubert, mas os dois espaços apresentam similaridades: são lugarejos no interior de seu país, pertencentes ao mundo rural, distantes da vida na metrópole e do ritmo urbano. Dessa distância do campo para a cidade, surge uma oposição e um contraste.

A oposição cidade/campo é trabalhada nos dois romances. Em *Madame Bovary* aparece, primeiramente, no emblemático baile no Chateau La Vaubyessard. Nele, Emma é apresentada a um outro mundo que até então ela – moça do campo – não conhecia. No contexto de Yonville, o farmacêutico Homais é a caricaturização da mentalidade que busca importar modelos da cidade, mesmo possuindo conhecimentos

superficiais. O caso mais evidente é a tentativa desastrada de cirurgia para correção do pé-torto em Hipólito, feita por Charles por insistência de Homais. Chamado às pressas para salvar o operado, o experiente Dr. Canivet profere um discurso para Homais e Charles que ilustra bem essa oposição.

– Invenções de Paris! Eis as ideias desses senhores da capital! São como o estrabismo, o clorofórmio e a litotricia, um punhado de monstruosidades que o governo devia proibir! Mas querem passar por espertos e enchem-nos de remédios, sem olharem as consequências. Nós, os daqui, não somos notáveis, não somos sábios, janotas, levianos; somos práticos, homens que curam, e nunca sonharíamos operar alguém que goze perfeita saúde! [...] (FLAUBERT, 1971, p. 136).

Em *Dona Guidinha do Poço*, o binômio cidade/campo é representado, principalmente, pelo personagem Secundino. Ele, oriundo da Zona da Mata pernambucana, representava o litoral chegando ao sertão, a cidade ao campo, o centro à periferia. A Zona da Mata enfrentava naquele século XIX a decadência da indústria açucareira, ao passo que o Sertão ganhava força econômica. Continuava, contudo, a ser o local do cosmopolitismo na região Nordeste, com seus portos embarcando e desembarcando pessoas e produtos.

A diferença entre Secundino e os nativos de Poço da Moita fica evidente pelas distintas visões de mundo, mas é marcada sobretudo pela linguagem. O autor faz questão de diferenciar a fala do homem sertanejo simples daquela do homem da cidade, utilizando abundantemente a variante popular local no texto escrito.

[Secundino] – Mas eu queria era ir logo ter à vila. O meu tio não está lá? – peleou o mercador.

[Antônio, empregado da fazenda] – Tenha paciência. Ó dispois, primita que lhe diga, que é asneira vosmicê ir assim, batendo c’ a cabeça pelas pedra, como lá diz... – Anda com isso, home! interrompeu-se, gritando para o filho. Vai, manda logo voltar essas cargas! – E de novo para o moço: Vosmicê fica, Seu Majó vem logo, é melhor, e mesmo assim mandam lá de dentro.

– E quem é aquela que falou?

– É Seá Dona Anginha, tia-avó da sua tia Dona Guida.

– Minha tia? A senhora de meu tio? Aquela que encontrei no curral?

– Inhor, sim, é Seá Dona Guidinha... (OLIVEIRA PAIVA, 1995, p. 24).

Uma análise comparativa: *Dona Guidinha do poço*, de Manuel de Oliveira Paiva, e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert

O desenvolvimento do método comparatista no século XX trouxe o questionamento das oposições binárias até então vigentes – centro/periferia, original/cópia, colonizador/colonizado (litoral/sertão?). Em vez da mera transladação

das contradições sociais e econômicas, uma das possibilidades é a construção de *limiaries críticos*.

Os limiaries se dão pelo estabelecimento de fronteiras que separam territórios – e também pela sua possibilidade de travessia e transgressão. Evelina Hoisel (1999, p. 43) define o limiar como o “ponto de tensão entre continuidade e descontinuidade, passagem de um *mesmo* para um *outro*, fazendo emergir nesse espaço a necessidade de comparar realidades geográficas, culturais e linguísticas diversas”. O limiar é, assim, um espaço “fechado/aberto, estático/dinâmico, paralisador/mobilizador” (idem). Traz consigo a noção de *descentramento*, presente na antropologia de Lévi-Strauss, para a partir dela ampliar o escopo não só de objetos a serem estudados, mas de parâmetros de avaliação das literaturas.

No momento em que se deslocou o referencial europeu da condição de parâmetro de avaliação das literaturas colonizadas, ampliaram-se as possibilidades de marcar e demarcar outros territórios pois, no que diz respeito à perspectiva teórica, crítica e histórica assumida pela contemporaneidade, os limites existem para serem desmarcados, demarcados e remarcados, sucessivamente. É do movimento gerado por este duplo gesto – desterritorialização/reterritorializar linguagens, textos, valores éticos, estéticos, culturais históricos etc. – que se disseminam os limiaries críticos. (HOISEL, 1999, p. 47).

A compreensão dos *limiaries críticos* me parece importante na análise comparativa entre obras com realidades e repercussões tão distintas, como *Dona Guidinha do Poço* e *Madame Bovary*. “Descentrar”, estudar à luz de outros parâmetros, permite a não-sujeição a exigências e regras absolutamente alienígenas. Permite a contextualização, a valorização das diferenças e das demarcações, mas também das continuidades e remarcações.

É bem provável que Manuel de Oliveira Paiva tenha lido Flaubert. O brasileiro nasceu em 1861. O francês publicou a sua obra-prima em 1857. Oliveira Paiva estudou no Seminário do Crato, no Ceará, e mais tarde na Escola Militar do Rio de Janeiro, uma das melhores e mais prestigiadas do país (a França era à época a referência absoluta para a intelectualidade brasileira). De volta à Fortaleza, teve intensa atividade intelectual e literária. Em 1892, faz a revisão de *Dona Guidinha do Poço* e está prestes a publicar, mas vem a falecer.

O romance de Oliveira Paiva está inserido no contexto de consolidação do gênero. Norma Telles (2002, p. 401), ao falar da escrita no século XIX, destaca o “papel fundamental desempenhado pelos produtos culturais, em particular o romance, na

crystalização da sociedade moderna”. A autora afirma que “o século XIX é o século do romance”.

Sobre as semelhanças entre os romances: o primeiro fato que traz identificação é o título/foco da narrativa, em que a protagonista absoluta é uma mulher. Seja na França ou no Brasil, aumentava significativamente o número de mulheres leitoras. Segundo N. Telles (2002, p. 402), “no século XIX já se estabelece uma mudança no público leitor. Ele se torna muito maior e se constitui, em grande, de mulheres burguesas”. No Brasil, no século XIX surgiram as primeiras escritoras e escrituras feministas.

As duas protagonistas dos romances analisados têm personalidade forte. Emma Bovary ousa enfrentar as convencionalidades e se entrega às suas fantasias, em busca de uma felicidade utópica. Paga o preço disso, vivendo em permanente frustração. Oscila entre momentos de efusivo entusiasmo a outros de profunda melancolia e tristeza.

Já Margarida Venceslau é de família de fazendeiros, neta do capitão-mor Reginaldo Venceslau de Oliveira, fundador da localidade de Poço da Moita. É enérgica e autoritária, mas também generosa com as pessoas mais pobres, sendo considerada “a protetora dos retirantes”. Mesmo sem direito ao voto (a mulher só poderia votar no Brasil a partir de 1933), Guidinha era uma das principais lideranças políticas da região, à frente dos liberais, perdendo a disputa de 1848 para os conservadores. (Parênteses: o romance é baseado na história real de Maria Francisca de Paula Lessa, a Marica Lessa, rica fazendeira de Quixeramobim, presa após ter sido cúmplice do assassinato do marido, e que termina a vida vagando como mendiga pelas ruas de Fortaleza).

O tema do adultério provoca uma correlação direta e imediata quando comparamos as obras. Fica uma reflexão: assim como largamente se fala de romance de amor, poderiam os dois romances serem tratados como “romances de adultério”?

Se em *Madame Bovary* a prática do adultério é explícita, em *Dona Guidinha* é um pouco diferente: o interesse de Guidinha por Secundino, sobrinho de seu marido, é claro, mas a consumação do ato de traição não é mostrada. Em um trecho do capítulo II do Livro Quarto, contudo, o autor menciona de forma mais clara o adultério: “Naquele momento, do coração pútrido da adúltera nascia, belo nenúfar do pântano, o sublime,

que, louvado seja Deus, de todo não desaparece nunca da alma feminina” (OLIVEIRA PAIVA, 1995, p. 97).

Em ambos os romances são assinaladas as reações populares à prática do adultério. Os personagens à volta dos protagonistas, símbolos do pensamento da comunidade, emitem juízos condenatórios, geralmente reproduzidos à luz da moral católica.

É semelhante a postura dos maridos perante a infidelidade (ou possível infidelidade) da esposa. Charles ao longo de todo o romance não desconfia de Emma, alheio às suas frustrações e fantasias. O médico a enxergava como “mãe de família”, mas ela queria ser mulher, sentir-se desejada, e via no marido alguém de personalidade medíocre, sem ambições, sem talento, incapaz de lhe fazer feliz.

O Major Quim também não percebera nada, até ser alertado por amigos e subordinados. A reação de Quim foi de indignação e vergonha, mas, apesar disso, não consegue juntar forças para enfrentar a mulher. Por vezes, no entanto, demonstra pensamentos violentos, mas sem chegar às vias de fato ou causar embaraços à mulher.

Em relação aos amantes/possível amante, cabe fragmentar a análise. Emma Bovary teve afetos e tempos diferentes com cada homem com quem se envolveu. A relação com León Dupuis no primeiro momento foi de admiração, pessoal e intelectual, mútua. Ele parece ser a única pessoa com quem Emma se sente à vontade para falar de literatura, arte, música, temas que despertam pouco ou nenhum interesse em Charles. Além disso, o rapaz nutre um carinho especial por Berta, a filha de Emma e Charles. Mais tarde, quando León reaparece na narrativa após a passagem de alguns anos, a relação é intensa, mas tão intensa que se torna decisiva para a perda de controle financeiro e emocional de Emma – por diferentes motivos, a protagonista é levada ao endividamento extremo e à semiloucura. Nessa segunda fase, León se entrega à relação com a Sra. Bovary, mas chega um momento em que a relação cai no tédio. Além disso, o agora tabelião reflete sobre a sua condição e decide seguir a “vida normal” para homens de sua idade - consolidando-se na sua carreira, encontrando uma esposa, constituindo uma família.

A primeira vez em que Emma “sai do chão” é com Rodolfo. Vivem uma relação tórrida, com encontros quase diários e muitos riscos. Desde o início fica claro o interesse do rapaz, que é conquistar a “mulher do médico da cidade”. Depois de

conquistar seu objetivo, gera em Emma a esperança de que fugirá com ela, mas desiste do plano na hora combinada. Após este fato, a protagonista é acometida de profunda tristeza e adocece. Tempos depois, extremamente endividada, Emma procura Rodolfo para pedir dinheiro, mas ele nega, deixando-a ainda mais transtornada.

A relação de Guidinha com Secundino é permeada por interesse, desejo e dissimulação. Guida oferta ao sobrinho toda proteção, lhe dá dinheiro e compara-o com o tio (frustrando-se). A proteção dada pela tia é de extrema importância para Secundino, foragido da polícia em Pernambuco sob a acusação de ter sido cúmplice no assassinato do padrasto (Quim sabia disso, mas decide relevar). Ele consegue não só se manter livre como também passa a ser popularmente chamado de “barão do Poço”. Até chegar lá, usa da dissimulação para angariar o apoio e a confiança dos tios e das demais pessoas da comunidade.

Já o interesse de Secundino por Eulália, a Lalinha (sua namorada, com o conchavo de Guidinha), é demonstrado de maneira nítida pelo narrador. Em uma passagem, Secundino compara Lalinha a Guidinha; aqui, evidencia-se o sentimento que nutria pela tia: “Delicioso, meu Deus, vê-la [Lalinha] assim a cavalo!, gostava o moço. A Lalinha, esbelta sobre a sela, como a ave que apenas pousa, era toda uma volúpia, e a outra [Guidinha], com o seu vestido atarracado e a sua carne de mulherona lhe fez nojo a ele” (OLIVEIRA PAIVA, 1995, p. 88).

Outra característica comum é que tanto Flaubert quanto Oliveira fazem uma descrição minuciosa da geografia dos espaços. O clima, a vegetação e a organização espacial, além do cuidadoso detalhamento, parecem influir, por vezes, no comportamento e nas ações.

No campo dos procedimentos narrativos, destaca-se o uso do discurso indireto livre, largamente feito por Oliveira Paiva em *Dona Guidinha do Poço* – recurso esse que foi consagrado justamente por Flaubert em *Madame Bovary*. A utilização dessa técnica faz com que diferentes vozes simultaneamente tenham vez, abrindo espaço para as reflexões do autor e os seus comentários acerca dos personagens.

A definição dos procedimentos flaubertianos, abaixo descrita por Igor Ávila (2012, p. 14-15) podem servir também para sintetizar a técnica empregada em *Dona Guidinha*:

Os procedimentos de Flaubert colocam diversas formas de se expressar convivendo com um mesmo espaço escritural, que se forjam e possuem

autonomia perante as demais vozes. Configuram-se vários enunciadores em um mesmo espaço discursivo, porém organizados em uma instância narrativa que não tem como função organizar todas as demais vozes manifestas. [...] Tomaremos por estilo de Flaubert não o resultado enunciativo de uma única fonte enunciativa, mas a possibilidade de fazer parecer no tecido narrativo diversos discursos: a capacidade de dar espaço em sua escrita para a manifestação de vozes nem sempre coincidentes com o discurso do narrador. Por meio desse procedimento adotado, o leitor pode colocar no lugar de Emma Bovary e viver junto com ela suas aflições, seus anseios [...] (ÁVILA, 2012, p. 14-15).

Vale dizer, de passagem, que no romance de Oliveira Paiva o instrumento do indireto livre encontra barreiras sequer sonhadas por Flaubert, especialmente ligadas ao desnível cultural entre a voz narrativa e certos personagens. E esse desnível, de origem social, frequentemente se resolve mal no plano narrativo; sirva de exemplo uma passagem do cap. V, que abre com mais-que-perfeito erudito, mas em seguida muda o registro para reproduzir a fala iletrada: “Viera a seca. No premero ano três vez se plantou três vez a lagarta comeu tudo; mas, pela graça de Deus, sempre houve uma ramazinha pros bicho”.

Considerações finais: a valorização do sertão e a formação de um sistema literário nacional

Vários elementos fazem com que a leitura de *Dona Guidinha do Poço* seja peculiar, afora os já elencados. Oliveira Paiva adentra em documentos históricos, como inventário emite opiniões sociológicas e filosóficas, demonstra e discute situações políticas, cuida com zelo das questões religiosas, é cuidadoso ao falar dos ofícios laborais. E, como já foi dito, valoriza a oralidade do povo sertanejo, a sua língua e sua cultura.

O cancionero popular do sertão é um interessante aspecto trabalhado por Oliveira Paiva. No capítulo III do Livro Segundo, o autor dá destaque à figura do trovador, o homem do campo que improvisa versos e rimas. Os “cantadores” faziam trovas em homenagem à Guidinha, ao Major Quim e a Secundino, num canto que aproveitava o ritmo do aboiado – a toada dos vaqueiros para dirigir a boiada. Em um dos cantos, tem-se a noção não só do estilo dos trovadores sertanejos (e da adoração por Guidinha), mas também da concepção de raça/etnia que predominava naquele contexto.

Todo branco quer ser rico,
Todo mulato é pimpão,
Todo cabra é feiticeiro,
Todo caboclo é ladrão,

Viva Seá Dona Guidinha, Senhora
deste sertão. (OLIVEIRA PAIVA,
1995, p. 57)

Oliveira Paiva faz muitos experimentos linguísticos em *Dona Guidinha do Poço*, aproximando a sua escrita da prosa oral do homem e da mulher do sertão. A linguagem, como demonstrado anteriormente, serve para marcar as diferenças campo/cidade, mas também de classe. A temática do sertão, com o destaque à tradição oral, a conversão à língua escrita de elementos da língua falada e com a denúncia da seca, seria consagrada na literatura brasileira nas obras de autores como o alagoano Graciliano Ramos (destaque para *Vidas Secas*) e o mineiro Guimarães Rosa (especialmente *Grande Sertão: Veredas*).

Esses romances, juntamente de outros da linhagem literária do sertão elencada por L. A. Fischer, contribuíram para que o Brasil formasse uma tradição, um *sistema literário*. Utilizo aqui *sistema* na perspectiva candidiana, que pode ser assim sintetizado:

[...] a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos, que liga uns a outros). O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico [...] (CÂNDIDO, 2007, p. 25).

Nessa perspectiva de *sistema literário*, fica nítida a necessidade de atualização do estudo do *sertão* na formação social e econômica do Brasil, como é feito por J. Caldeira para a história econômica e social, avançando para os domínios da formação da literatura, tal qual apontamos aqui. Nessa perspectiva formativa, “descentrar”, enxergar outros centros e reconhecer outros níveis de complementaridade e universalidade, são diretrizes fundamentais para superar reducionismos, enfrentar o preconceito e evitar a apatia intelectual.

Apesar de todas as diferenças culturais e estéticas, parece-me que os diversos elementos apresentados neste artigo podem, ao sinalizar possíveis correlações de *Dona Guidinha do Poço* com um clássico da literatura *universal*, e ao valorizar os seus elementos distintivos, jogar luz sobre um romance que ficou tanto tempo adormecido. Romance que cumpre um papel na formação da literatura brasileira e tem o seu lugar dentro do sistema literário nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVILA, Igor Milenkovich. **Discurso indireto livre em Madame Bovary de Flaubert: o despontar da forma**. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-14092012-105825>. Acesso em: 28-8-2013.

CALDEIRA, Jorge. *História do Brasil com empreendedores*. São Paulo: Mameluco, 2009.

_____. “O processo econômico”. In: COSTA E SILVA, Alberto (Coord.). **Crise colonial e Independência — 1808-1830**. Volume 1 da série *História do Brasil Nação – 1808-2010*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos - 1750-1880**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007. 11ª Edição. 800 p.

FISCHER, Luís Augusto. A formação vista desde o sertão. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. n. 18, 2011.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Araújo Nabuco. São Paulo: Abril Cultural, 1971. 2ª edição. 262 p.

HOISEL, Evelina. A disseminação dos limiões nos discursos da contemporaneidade. In: CARVALHAL, Tania F. (Coord.). **Culturas, contextos e discursos: limiões críticos do comparatismo**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999. p. 42-49

OLIVEIRA PAIVA, Manuel de. **Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Editora Ática, 1995. 2ª edição. 144 p.

TELLES, Norma. *Escritoras, escritas e mulheres*. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2002, p. 401-442.